

# Quem cai? Eu Caio? Caminhos para existir<sup>1</sup>

ANA CAROLINA MELLO PECHANSKY<sup>2</sup>

---

RESUMO: Este trabalho aborda a complexidade dos processos psíquicos necessários para a consolidação do sentimento de continuidade existencial de um indivíduo, discutida a partir do relato de um caso clínico de uma criança com falhas em sua subjetivação precoce e apresentação de sintomas graves. A partir da compreensão dos padrões de seus vínculos com os objetos, bem como sua história transgeracional familiar, analisa-se as agonias primitivas de colapso quando a excitação das ausências não pode ser simbolizada na presença dos objetos. Tal fato obstrui a própria sensação de continuidade de existir, bem como acarreta a utilização de múltiplos recursos para defender-se da sensação terrorífica de queda livre e desmantelamento. Entende-se que o sentimento de continuidade existencial deve ser criado a partir de um ritmo tolerável de presenças-ausências, na presença de um objeto continente, para que possa ser representado psicologicamente.

PALAVRAS-CHAVE: Continuidade existencial. Subjetivação. Colapso.

## Who falls? I, Caio? – Paths to exist

ABSTRACT: This work addresses the complexity of the psychic processes needed for the consolidation of an individual's feeling of existential continuity, discussed based on the report of a clinical case of a child with flaws in its early subjectivation and presentation of severe symptoms. From understanding the patterns of the child's bonds with its objects, as well as a transgenerational family history, the primitive agonies of breakdown are analyzed when the excitation of absences cannot be symbolized in the presence of objects. This obstructs the very sense of continuity of existing, as well as entails the use of multiple resources to defend against the terrifying sensation of free falling and dismantling. The feeling of existential continuity must be created from a tolerable rhythm of presence-absence, in the presence of a continent object, so that it can be represented psychically.

KEYWORDS: Existential continuity. Subjectivation. Breakdown.

---

<sup>1</sup> Trabalho premiado na Jornada Interna do CEAPIA 2020.

<sup>2</sup> Psicóloga, aluna do Curso de Psicoterapia da Infância e da Adolescência do CEAPIA. Trabalho orientado por Inta Müller.

## **Quem cai?**

Caio<sup>3</sup> é um menino de quatro anos. Ouço de seus familiares as seguintes preocupações: “Caio tem atraso na fala, Caio assusta as outras crianças do colégio, Caio não consegue dormir sozinho, Caio é agitado e joga tudo no chão, Caio fica rodando em torno de si mesmo, Caio bate a cabeça na parede, bate as mãos na parede, bate os pés no chão. Caio não olha nos olhos. Acho que o Caio é autista”.

Preocupações importantes. Afinal, Caio estava mesmo precisando de ajuda. Caio não foi planejado pelos pais, e poucas palavras narram sua vida. Caio mais “aconteceu” do que qualquer outra coisa. A mãe de Caio, Matilde, também “aconteceu” – filha de uma mãe tão adolescente quanto ela e adotada após ter sido abrigada por negligência de cuidados de sua família, ainda na primária infância.

A adolescência de Matilde não foi fácil: dificuldades escolares, diagnósticos psiquiátricos, abuso de álcool e de drogas, automutilações, tentativas de suicídio e, finalmente, Caio. Matilde contava-me de um Caio que nasceu pós-termo e que, segundo ela, sempre foi muito letárgico e independente, pois não gostava de ser ajudado. Preferia, inclusive, dormir a mamar.

Ainda bem pequeno, sempre que frustrado, Caio girava em torno de si mesmo e depois batia com a cabeça na parede. O que acontecia nesse período da vida de Caio? Recebia como resposta um silêncio, ouvindo apenas que “era tudo tranquilo” – algo que a família me dizia muito frequentemente. Com dois anos de idade, Caio enfrentou, simultaneamente, a separação de seus pais, o desmame e a entrada na escola. Passou a morar com a mãe na casa de seus tios, e, em seguida, Matilde precisou se mudar de residência. Muitas separações para Caio.

Matilde morou longe do filho por um longo período. Tal fato, entretanto, não foi explicado a Caio, pois Matilde e os tios consideraram que ele não entendia o que estava se passando. Algum tempo depois, a família busca acompanhamento psicológico para Caio: descrevem agitação, distração, dificuldades na fala, birras e choros, intolerância à frustração, não olha nos olhos. Após muitos encontros com a família, conheço Caio. Online, junto com Matilde, ele olha atentamente para a tela. Eu estou ali somente pela tela, mas sinto que Caio me olha, e eu olho para ele.

“Amiga”, diz ele, mostrando-me um urso de pelúcia, colorido e com grandes olhos castanhos. “Me mostra” – digo – “eu quero ver”.

---

<sup>3</sup> Todos os dados foram alterados para preservar o sigilo do paciente.

## Eu caio

Os atendimentos seguem com Caio apresentando-me seus brinquedos e tudo ao seu redor, pedindo “veja!”. Em uma sessão, quando Matilde muda a tela do celular para que Caio se veja na tela grande, com seu dedinho, ele clica novamente em mim. Matilde conta-me o que aconteceu: “ele clicou em ti para te ver maior, porque tu tava pequenininha, sabe?”. Respiro aliviada: Caio também quer me ver.

A partir do exposto sobre a história de Caio, algumas compreensões podem ser feitas. Victor Guerra (2016) levanta alguns questionamentos frente à sempre crescente demanda de crianças com suspeita de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Nos casos em que a criança se apresenta no limiar de um diagnóstico de Autismo, porém demonstra características relacionais que denunciam algum tipo de troca intersubjetiva (ainda que incipiente, efêmera e oscilante), ele propõe que tal criança pode ter em sua constituição um Transtorno de Subjetivação Arcaica. Nesse transtorno, a dupla cuidador-bebê encontrou dificuldades para cocriar um ritmo de sensorialidade compartilhada, que é pano de fundo para que se estabeleça uma experiência de compartilhamento emocional posterior. O autor refere que, a partir dos três anos, entretanto, essas crianças entram em processo autistizante, havendo uma dessubjetivação de seu Eu e falhas no processo de simbolização, que podem culminar, inclusive, em uma organização precária da linguagem.

De várias formas, Caio mostra-me que quer me ver e também quer ser visto. Quer muito brincar e quer que eu brinque junto. Percebo, então, que meu alívio advém da percepção de que há troca intersubjetiva em nossas interações, mesmo sendo uma criança com sintomas graves que, inclusive, dividiam os profissionais procurados anteriormente pela família a respeito das suspeitas de TEA.

Nos atendimentos, brincamos de fugir dos monstros assustadores que habitavam seu quarto, e quando eu digo ter muito medo, Caio coloca-me dentro de uma caixa vazia. Depois de brincar, Caio parece exausto e aconchega-se em sua cama, com a caixa ainda cobrindo sua cabeça, quase dormindo. Quando sua mãe pergunta “a caixa é gelada ou quentinha?”, Caio apenas responde “cai” e faz a caixa cair no chão com um ruído alto.

Preciso de Matilde, tanto quanto Caio, para que ela me traduza sua fala que é, na maior parte do tempo, incompreensível ou ecolálica. Ele fala de modo confuso e contínuo, e tenho a impressão de que ele não faz pausas para respirar. Pela brincadeira, entretanto, Caio comunica-se muito bem e deixa bem claro: tudo cai. Os personagens fortes caem, os fraquinhos também, os blocos caem, o giz de cera cai, os móveis caem. Tudo cai muitas, muitas e muitas vezes. Inclusive Caio.

Matilde conta-me que, quando começou a caminhar, Caio caía muito. “Assim como cai até hoje”, completando. Pergunto como é quando ele cai, e

Matilde refere apenas ficar olhando para Caio e esperando a sua reação. E Caio? "Caio", diz Matilde, "olha de volta para mim".

Caio cai repetidamente, assim como tudo na sua brincadeira cai. Sobre o cair, autores como Winnicott e Ogden auxiliam a compreender teoricamente tal sensação tão primitiva. Winnicott (1974/1997), em *O medo do colapso*, define colapso como o medo de retorno ao estado não-integrado que subjaz à organização defensiva, revelando agonias primitivas como a sensação de cair para sempre, a perda do senso do real e a perda da capacidade de relacionar-se com os objetos. Indica, no entanto, que a busca amedrontadora, terrorífica e obstinada dos pacientes pelos detalhes do colapso é uma revivência de um colapso já acontecido, mas que não pôde ser vivenciado por um ego ainda não integrado. Sugere, então, que cada novo colapso é, na verdade, uma primeira vivência deste.

Revisitando esse texto de Winnicott, Ogden (2016a) adiciona que o colapso é, na realidade, um colapso do vínculo mãe-bebê. Essa desconexão entre a dupla deixa o bebê "sozinho e em carne viva, à beira da não-existência" (p. 84) (grifo meu), e por essa razão é um colapso que efetivamente aconteceu, mas não foi vivido. Nesse sentido, o autor entende a repetição do colapso como uma necessidade urgente de englobar as partes inconscientes e perdas de si mesmo.

"Mamãe! Pirata" diz Caio, subindo em uma cadeirinha de plástico e fingindo ser um pirata, ainda na primeira sessão de avaliação. A resposta da mãe é: "de que cor é esse giz? É da cor daquela fruta". Caio frustra-se, pega outra cadeirinha de plástico e coloca ao seu lado. "Não vou subir aí, vai quebrar", diz a mãe. Caio lentamente senta-se no chão, em meio a ambas as cadeiras, e faz as duas desmoronarem, caindo junto com elas. Faz isso de novo e de novo, repetidas vezes. Matilde pergunta o que Caio está fazendo, e ele segue caindo.

Entre Caio e Matilde há uma comunicação entrecortada, como se falassem línguas diferentes. Há uma desconexão emocional entre as tentativas de brincadeira de Caio e as respostas de sua mãe. Em outras sessões, pude perceber que tal descompasso acontece também nas interações com seu pai e seus tios, ainda que menos intensamente. Consoante com Winnicott (1974/1997) e Ogden (2016a), compreendo que Caio cai, a cada vez, como se fosse a primeira. Imagino que caia por muitos motivos, mas, principalmente, acredito que caia por esperança de que alguém o contenha com olhos de preocupação, de susto, de cuidado. Olhos que espelhem o que ele sente ou, talvez, olhos que sintam algo que ele ainda não sabe sentir sozinho.

Vendo Caio cair incessantemente, sou tomada por uma terrível angústia. "Tudo caído", observo em um tom francamente arrasado. Um segundo de suspense se segue, e penso comigo: "acho que piorei tudo, e agora?". Caio levanta-se e levanta consigo as duas cadeiras, colocando o urso de pelúcia em cima de uma, apertando-o firmemente para que ele fique bem equilibrado ali.

Alvarez (1992/1994) propõe que “o psicoterapeuta tem que ser capaz de ficar suficientemente perturbado para sentir pelo paciente” (p. 4) e, paralelamente, deve poder pensar com ele até que o último consiga pensar por si. Nessa mesma linha, Victor Guerra (2016) sugere que, ao atender situações em que há um Transtorno de Subjetivação Arcaica, o terapeuta deve trabalhar como um tradutor. Por meio da palavra, deve construir ponte entre a experiência emocional e a representacional. Para além de minhas intervenções, entretanto, entendo que Matilde também tem de atuar como tradutora, esforçando-se para compreender as impossíveis palavras de Caio para que eu possa acompanhar a brincadeira. Nesse sentido, acredito que a minha necessidade de uma tradutora simultânea possa ser uma nova chance de estruturação de uma língua comum para essa dupla.

Blum! – ouço o barulho de algo batendo. “Caiu? Onde que o Caio machucou?”, pergunta Matilde. “Aqui”, responde Caio. “Mas tu tá me mostrando a parede. Eu entendi que o Caio bateu na parede. Mas onde que machucou no Caio?”, diz a mãe. Caio demora para conseguir dizer onde machucou em seu corpo, e penso que isso se deve a Caio mal saber que ele mesmo é Caio, referindo a si mesmo na terceira pessoa – assim como é referido pela família. Como saber que aquele tal Caio é ele?

Pensando sobre o acesso ao universo linguístico como adentrar um sistema complexo de símbolos (ou seja, das coisas análogas, representativas e substitutas das coisas-em-si), as contribuições de Roussillon (2015) sobre o processo de simbolização mostram-se de extrema importância. O autor destaca que o processo psíquico de simbolizar depende não só das capacidades internas do indivíduo, mas da presença de um objeto que forneça os subsídios necessários para acompanhá-lo em tal construção.

Tal objeto, um outro-sujeito, deve ser investido de edipicidade para ter uma função simbolizante. Isto significa, paradoxalmente, ser um objeto para simbolizar (como substituto das faltas) enquanto ele mesmo é um objeto a simbolizar (quando se ausenta e em sua qualidade de alteridade). Roussillon (2015) diz que a excitação produzida pela falta dos objetos, para que possa ser simbolizada, deve ser tolerável para o psiquismo do bebê. Se a ausência é duradoura e grandiosa demais, entretanto, ela excede a capacidade do sujeito em restabelecer a continuidade psíquica necessária ao sentimento de continuidade de existir. Nesse sentido, o autor frisa que “é no modo de presença dos objetos, desta vez, que o sujeito deve extrair os materiais da sua atividade representativa, e não apenas em sua ausência bem temperada” (Roussillon, 2015, p. 261).

Penso que Caio, no início de sua vida, precisava da presença de seus outros- sujeitos para assegurar sua continuidade existencial na forma de uma díade. A manutenção de sua continuidade psíquica mostrava-se ameaçada durante as longas ausências de seus cuidadores. Nesse sentido, compreendo que o colapso do vínculo de Caio deu-se em ausências intoleráveis e irrepresentáveis, resultando em dificuldades em sua simbolização,

organização da linguagem e falhas na sua sensação de continuidade psíquica. Da mesma forma, imagino que Matilde também tenha passado por abandonos muito dolorosos em sua própria vida. Da melhor forma que pôde, disponibilizou ao bebê que não desejava a presença e o vínculo que podia suportar. Caio, então, organiza a linguagem em palavras aglutinadas, grudadas e sem espaços e, nessa precariedade, ele comunica que os distanciamentos ameaçam sua existência.

Passam os dias e passam-se as sessões. Brincamos de batalhas, e sugiro que cuidemos dos feridos, sempre presentes nas brincadeiras, e Caio olha-me atenta e curiosamente nesses momentos. Algumas semanas depois, ouço de Matilde: "O Caio começou a fazer uma coisa diferente essa semana. Quando ele estava conversando com meus tios e eles não entenderam algo que ele disse, ele foi até onde eu estava e disse 'mamãe, me ajuda? Me ajuda, mamãe'". Caio estava existindo mais dentro de si, referindo a si mesmo como sujeito: Eu.

## **Eu, Caio**

Logo no final do período de avaliação, os tios ausentam-se por um longo período, e Caio começa a se desesperar. Urina na cama, fica especialmente ansioso na hora de dormir e bate com suas mãos nas paredes. Em determinada sessão, Matilde conta-me que Caio passou a conseguir dormir sozinho. "Como foi isso?", eu pergunto, muito surpresa. Matilde diz "agora ele dorme com o ursinho de pelúcia, aquele colorido, sabe? Agarrado nele. E ontem perdemos ele... Caio me fez procurá-lo com ele, dizendo que ele devia estar com muito frio, precisava dormir com ele para se aquecer".

As coisas pareciam estar andando rapidamente para Caio, e iniciamos sua psicoterapia de forma online, junto com Matilde. Passamos a brincar de esconde-esconde durante toda a extensão da sessão, e ele escondia-me em lugares cada vez mais escuros, e, progressivamente, por mais tempo – nesses momentos, eu dizia que tinha muito medo de ficar sozinha, no escuro e no frio, perguntando-me se ele e a mãe haviam desaparecido para sempre. Quando nos reencontrávamos, um misto de apreensão e felicidade: eu dizia que eu estava ali durante todo aquele tempo, mesmo escondida, e Caio logo passou a avisar-me esporadicamente "tô bem aqui!".

Caio propunha, então, que deveríamos nos esconder, em todas as sessões, de monstros muito assustadores. Armávamos um forte e assim podíamos tanto nos proteger dos monstros quanto atacá-los. "É bem seguro aqui, amiga", diz ele em uma sessão, usando tantas palavras compreensíveis que até me assusto. Dessa vez, não preciso de tradução. O urso de pelúcia mostrava-se um aliado, tanto para proteger dos medos quanto como uma arma potente para atacar os monstros. Gradualmente, Caio achou que eu também precisava de um objeto transicional (Winnicott, 1953/1975), capaz

de sobreviver ao amor, ao ódio e à agressividade pura, e ganhei também um boneco que me acompanhava nas batalhas.

Ao atacar os monstros, Caio mostrava que estava precisando (e conseguindo) gritar, pular, correr, desmontar, atacar tudo à sua volta... Matilde acompanhava Caio com distância e inquietação, pedindo que ele guardasse tudo para não fazer bagunça. Na hora do "não" derradeiro, a hora do término das sessões, Caio dava mostras de seu intenso sofrimento ao distanciar-se: choro, gritos, Caio batendo suas mãos e pés no chão, batendo em si mesmo, virando os brinquedos e tudo caindo repetidamente, angustiadamente.

Sobre essa tão necessária destrutividade que Caio estava podendo integrar ao brinquedo lúdico, as contribuições de Winnicott (1969/1975) mostram-se importantes. O autor afirma que uma relação mais integrada de um sujeito com seus objetos deve englobar também o uso do objeto, que envolve a destruição do objeto real pelo sujeito e sua consequente sobrevivência à tal destruição. Para isso, Winnicott ressalta que a sobrevivência implica na não-retaliação do objeto contra o sujeito, e Ogden (2016b) frisa que, ao se tratar de um objeto real, e não metafórico, "o objeto é passível, de fato (na realidade) de não sobreviver emocionalmente (e talvez tampouco fisicamente)" (p. 327, grifo do autor).

Nas sessões com Caio e Matilde, há pouco espaço para essa destrutividade tão necessária. Quando Caio se encoleriza frente às proibições da mãe, Matilde fica apática, indiferente e parece muito exausta. Em determinado dia, Caio enfurece-se e começa a bater em seu urso com toda a força que possui, jogando-o longe repetidas vezes. Matilde pede ao filho que pare, alarmada com sua agressividade, e ele não para. Quando pergunto por que ele bate em seu urso, ele diz, extremamente desesperado: "ele tá dormindo, ele não acorda!".

Matilde realmente parecia desligada frente à agressividade de Caio, como se estivesse destruída pelo filho e sem possibilidade de uso. Nesses momentos, Caio desorganizava-se grandemente e passava a fazer tudo cair no chão. Quando sentia que a mãe não sobreviveu à destruição, sentia-se caindo para sempre no abismo da não-existência, de novo e de novo. Nesse período, Caio passou a ter medo do escuro, e sua tia contava-me que à noite, após desligarem as luzes antes de dormir, ele dizia repetidamente "titia, eu não me vejo".

Após poucos atendimentos, a família dizia-me que as sessões estavam sendo estressantes demais: achavam que Caio deveria já não ter mais sintomas, estavam assustados com seu descontrole. Caio pôde demonstrar o que sentia em algumas sessões antes que isso se tornasse intolerável para sua família, e, consequência de sua destrutividade, seu espaço de psicoterapia também era ameaçado de não sobreviver. Após ressaltar a importância do acompanhamento para que Caio não cristalizasse um quadro mais grave, passo a refletir comigo: o que é tão intolerável? De que eles têm tanto medo que saia de Caio quando ele expressa sua agressividade? Será que têm

medo de que Caio virasse um monstro, assim como os perpétuos monstros de suas brincadeiras?

A família passa a restringir suas brincadeiras e sua possibilidade de expressão, e frente a essas proibições Caio lança mão da brincadeira do "trem descontrolado". Consistia em um veículo que acelerava demais e perdia todo o controle, batendo em todo o seu quarto, em Matilde e em si mesmo, gritando "descontrolado!". O trem machucava quem batia e seus passageiros também ficavam feridos, agonizando e sem chances de melhora, segundo Caio. Frente à crescente dificuldade da família e enxergando o sofrimento de Caio, decidimos fazer algumas mudanças.

Presencialmente, Caio fica deslumbrado com a possibilidade de juntar massinhas, rasgar papeis e usar cola líquida para construir castelos e pontes. Caio olha-me, toca-me. Matilde, entretanto, acompanhava as sessões de longe, frequentemente absorta em seu celular. Caio pedia sua atenção constantemente, e eu destacava o quanto seu olhar era importante para ele, mas eu sentia Matilde distante.

No final das sessões, em vez de fazer tudo cair ao chão, Caio mostrava-se um pouco mais organizado e servia-se de recursos contra o desmantelamento: misturava várias massinhas, às quais chamava de "monstros", e depois as grudava no chão com força. Meltzer (1975/1986), ao pensar na identificação adesiva, sugere que esse colamento às superfícies é resultante da sensação de não poder penetrar dentro dos objetos tridimensionalmente, sentidos como tão abertos que fariam o indivíduo cair para fora deles. Entende, assim, a necessidade de adesivar-se às coisas ou aos objetos de forma unidimensional, graças a uma grande intolerância à separação.

Ainda que preocupante, entendo essa tentativa de adesivamento como uma evolução. Caio conseguia agora mobilizar algumas defesas ante o colapso existencial, em vez de sucumbir a ele. Resoluto, Caio ia até uma parede e colava-se a ela em toda a extensão de suas costas, parecendo querer agarrar-se a um objeto firme e com uma superfície segura. Em outros momentos, Caio utilizava tubos inteiros de cola em minhas mãos e nas suas, em seus brinquedos, no chão, nas paredes e em suas roupas, em uma tentativa de grudar-se a algo para continuar existindo. Caio, assim, deixava claro o medo que tinha do vazio que separa os atendimentos, do escuro das noites que dividem os dias e, em geral, dos hiatos que separam as pessoas.

Após um intervalo de uma semana entre nossas sessões, em franco desespero, Caio destrói sua caixa terapêutica. Faz inúmeros furos em todos os lados, dizendo-me "esburacado". Depois, rasga a caixa múltiplas vezes, pisoteia e deita-se em cima dela, constatando: "destruída". Reconheço sua percepção, dizendo que está mesmo esburacada, rasgada e amassada, mas ainda é sua caixa. Pergunto se podemos reconstruí-la, e ele resolve tentar tapar os furos com os monstros feitos de massinha misturada. "Afinal", penso comigo, "eram monstros com potencial de integração". Esperançosa, digo a ele que parece estar funcionando: os furos estão sendo tapados en-

quanto seguro com firmeza sua estrutura que nesse momento está frágil, para que não caia. Com um lápis, porém, Caio refaz todos os furos e tristemente me diz que não funcionou, a caixa continua destruída.

Caio oscila entre a integração e a desintegração, podendo a caixa esburacada também ser uma caminha para seus bonecos. Acho que me dizia que podia se encaixar ali, que podia fazer uso daquele espaço. Vejo nisso, e em muitas outras situações, a manifestação de sua esperança de integração, de contenção e de presença. Caio reclama com força, pede o olhar de sua família, pede investimento, pede ajuda. Caio pede que seus objetos não sumam e não morram. Pede que alguém o segure, o ampare e o ajude a levantar.

"Escuro!" diz Caio, escurecendo totalmente o ambiente, "Tô deitado agarrado no meu boneco". Digo que as separações são muito difíceis para ele, e por isso ele se agarra ao seu boneco. "Tu tem medo do escuro porque fica com medo que tudo desapareça... mas mesmo que não estejamos nos vendo, ainda estamos aqui: eu, a mamãe e tu", digo. Após um silêncio não vazio, mas cheio de significados, Caio diz que o boneco irá cuidar dele, então. Em seguida, levanta-se e corre para o colo de Matilde, esperando que sua mãe ouça a força desse pedido de cuidado.

## **Caminhos para existir**

Ao final deste percorrido teórico e clínico, compreende-se que a consolidação do sentimento de existência de um indivíduo é uma tarefa complexa e compartilhada, com um longo caminho a ser trilhado. É necessário que um ritmo de presenças-ausências seja cocriado em dupla (Guerra, 2016), exigindo que os objetos estejam presentes o suficiente para auxiliarem no sentimento de continuidade psíquica e na simbolização da própria existência, e posteriormente na representação das ausências dos objetos-sujeitos (Roussillon, 2015). Quando há falhas nesses processos importantes, descontinuidades irrepresentáveis no vínculo do bebê com seu objeto (Ogden, 2016a), a sensação é a de um colapso que remete a estados não-integrados, anteriores à organização de defesas, a uma queda livre (Winnicott 1974/1997) no limiar da não-existência, revividos – ou vividos pela primeira vez – a cada separação. Pode se estabelecer, assim, um Transtorno de Subjetivação Arcaica, que representa risco de consolidar processos autistizantes à medida que a criança cresce (Guerra, 2016).

Frente a essa agonia terrorífica de não-existência, a saída pode ser adesivar-se à unidimensionalidade das superfícies (Meltzer, 1975/1986) ou poder constituir um objeto transicional, que ampare na separação dos objetos e tolere o ódio e a agressividade (Winnicott, 1953/1975). Agressividade tão necessária na construção de uma relação mais integrada com os objetos, porque cria a possibilidade de o objeto sobreviver e poder ser utilizado como um objeto real (Winnicott, 1969/1975). Nas palavras de Ogden (2016b),

paradoxalmente, "o objeto está em vias de ser destruído porque é real, tornando-se real porque é destruído" (p. 337), sendo, portanto, investido de potencial de criação da própria realidade.

Nome próprio ou conjugação do verbo "cair", 115 vezes "Caio" nesse texto. Tu cais, ele cai, nós caímos... Durante essa escrita e durante os atendimentos de Caio, perguntava-me com frequência *quem* cai, e a resposta surgia-me paulatinamente de modo mais firme: *Eu, Caio*. Caio percorre o caminho sinuoso, oscilante e difícil rumo à integração de sua existência, com sua fala mais inteligível, seus monstros mais integrados, possíveis distâncias menos ameaçadoras, quedas um pouco menos terroríficas e grudes menos dessubjetivantes.

Caio já pode existir mais dentro de si e quer muito poder continuar existindo. E sobre o rapaz que caía para dentro do rapaz, penso não ter sido à toa que escrever sobre Caio me lembrou Valter Hugo Mãe. Depois de muitas páginas e quedas para dentro de si, o escritor completa

O rapaz pequeno percebeu que, depois de um ano, era dali. Ganhara raízes. O corpo deitava-lhe domínios pela cama abaixo, pelas paredes acima, até para lá da porta. Apagou a luz para sorrir com o tamanho sempre infinito da escuridão. Também ele tinha um tamanho cada vez mais infinito. E não caía. Sentia que se levantava. (Mãe, 2016, p. 191).

## Referências

- Alvarez, A. (1994). *Companhia Viva*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1992).
- Guerra, V. (2016). Formas de (des)subjetivação infantil em tempos de aceleração: os transtornos de subjetivação arcaica. *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*, 23(1), 137-158.
- Mãe, V. H. (2016). *O filho de mil homens*. São Paulo: Biblioteca Azul.
- Meltzer, D. (1986). Identificação Adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 10(28), 40-53. (Original publicado em 1975).
- Ogden, T. (2016a). O medo do colapso e a vida não vivida. *Livro Anual de Psicanálise*, 30(1), 77-93.
- Ogden, T. (2016b). A destruição repensada em "O uso do objeto e relações por meio de identificações" de Winnicott. *Livro Anual de Psicanálise*, 32(2), 321-339.
- Roussillon, R. (2015). A função simbolizante. *Jornal de Psicanálise*, 48(89), 257-286.
- Winnicott, D. W. (1975). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D. W. Winnicott. *O Brincar e Realidade* (pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1953).
- Winnicott, D. W. (1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: D. W. Winnicott. *O Brincar e a Realidade* (pp.121-131). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1969).
- Winnicott, D. W. (1997). O medo do colapso. In: D. W. Winnicott. *Explorações psicanalíticas* (2ª ed., pp. 70-76). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1974).